

# OFICINA DE POESIA



inéditos de:

Alvaro Matta Guillé

(Costa Rica)

Andityas Soares de Moura

(Brasil)

Júlio Espinosa Guerra

(Chile)

Leonard Schwartz

(USA)

e ainda: Luís Serguilha, Graça Magalhães,  
Cláudia Borges e Porfírio Al Brandão

fotografia de:

João Luís Pinho, Luís Costa,  
Maria João Baginha, Rui Silva

Palimage  
Imagem Palavra

Março 2008 7,35 €

n.º 10 semestral

revista da palavra e da imagem

## Ficha Técnica

|                      |   |
|----------------------|---|
| Directora            | Graça Capinha   |
| Subdirector          | Jorge Fragoso   |
| Conselho de Redacção | aNa B, Cristina Néry, Graça Capinha, Jorge Fragoso, Rita Grácio, Teresa Fonseca, Miguel Monteiro  |
| Conselho Editorial   | Aires Gomes Fernandes, Alexandra Pedruco, Ângela Canez, Anselmo Simões, Bruno Santos, Catarina Costa, Conceição Riachos, Eduardo Bacal, Filipe Cravo, Filipe Silva, Francisca Bicho, João Rasteiro, Jorge Melícias, Licínia Regateiro, Liliana Vasques, Luísa Monteiro, Luís Matos, Margarida Amorim, Maria Manuel Veloso, Paulo Pego, Ricarda Melo, Sandra Guerreiro |
| Colaboração especial | Álvaro Matta Guillé, Andityas Soares de Moura, Cláudia Borges, Graça Magalhães, Julio Espinosa Guerra, Leonard Schwartz, Isabel Pedro Santos, João Luís Pinho, Luís Costa, Maria João Baginha, Porfírio Al Brandão, Rui Silva   |
| Propriedade Edição   | Oficina de Poesia e Terra Ocre - edições Palimage   |
| Capa                 | Filipe Cravo  |
| Apoio                | Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.<br>Reitoria da Universidade de Coimbra<br>CES - Cento de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra   |
| Contactos            | Palimage Apartado 10032 3601-901 Coimbra<br>Tel. / Fax 239087720<br>palimage@palimage.pt www.palimage.pt  |
| ISSN                 | 1645-3662   |
| Depósito Legal       | 222090/06   |
| Execução Gráfica     | Palimage / Publito  |





# **Oficina de Poesia**

revista da palavra e da imagem

**Palimage**  
*A Imagem e A Palavra*





## Editorial

A *Oficina de Poesia* comemorou, no último número, 10 anos de existência. Apesar do sucesso que este número teve na comunidade de leitores, estes dez anos têm sido de silêncio, por parte dos meios literários, relativamente ao trabalho apresentado pela revista, embora nela tenham publicado grandes nomes portugueses e estrangeiros. Mesmo assim, continuamos. E retornamos agora ao nosso formato habitual, mais pequeno, mas nem por isso menos recheado. A cada número, um recomeço.

Inauguramos agora uma nova fase da *Oficina de Poesia*. Para além de curso livre da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, aberto a toda a comunidade, o grupo constituiu-se também como “Projecto Oficina de Poesia”, e liga-se agora ao Projecto *Novas Poéticas de Resistência: o Século XXI em Portugal*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e acolhido pelo Centro de Estudos Sociais.

Esta edição da revista presenteia quem lê, por um lado, com uma presença significativa de poetas das Américas e, por outro, com um punhado de interessantes poetas portugueses cuja intensidade da prática poética se tem realizado fora dos grandes centros polarizadores. Publicamos, nesta edição, poemas inéditos do poeta brasileiro Andityas Soares de Moura, de Belo Horizonte, que é também ensaísta e tradutor. Da Costa Rica chegam-nos também inéditos em castelhano de Álvaro Mata Guillé, poeta, ensaísta, dramaturgo e director de um grupo de teatro e dança. Ainda em castelhano, poemas de Julio Espinosa Guerra, um chileno, actualmente residente em Espanha, que, para além de poesia, publicou também já um livro em prosa.

Trazemos também o norte-americano Leonard Schwartz, autor de vários livros de poemas e de uma colecção de ensaios. Aqui apresentamos poemas em versão original e na irrepreensível tradução portuguesa de Isabel Pedro dos Santos.

De Portugal, recebemos a poesia de Luís Serguilha que, para além de poeta, com vários livros publicados, é também autor de textos criativos sobre literatura contemporânea brasileira.

Contamos também neste número com a participação de Graça Magalhães e de Porfírio Al Brandão, dois poetas de Viseu. Este último já com vasta obra publicada. Destacamos

ainda a participação da jovem poeta de 16 anos, Cláudia Borges – mais uma prova da aposta que a revista tem feito nas novas vozes da poesia contemporânea portuguesa. Estes três poetas pertencem ao grupo poético, de Viseu, o “Sarau dos Danados”, ao qual damos a devida relevância neste número. Este grupo pauta-se também pela organização de leituras públicas e pela intervenção na comunidade. Apresentamos ainda poemas visuais e fotografias de João Luís Pinho, Luís Costa, Maria João Baguinha e Rui Silva.

A *Oficina de Poesia*, como é seu mote, vai adensando a sua presença na comunidade através das várias leituras públicas em que participa e da colaboração com escolas. A nossa revista não pode deixar, por isso, de reflectir esta realidade. A convite do Ateneu de Coimbra, o grupo fez uma leitura de poemas a lembrar Agostinho da Silva, que teve por base um exercício de escrita criativa a partir de poemas e textos ensaísticos deste autor. Homenageámos também o Alentejo, o poeta Mário Saa e outros poetas alentejanos, pela ocasião da I Feira do Livro Alentejana, em Aviz e a convite da Autarquia e da Fundação Paes Telles, num evento que contribuiu para uma tão necessária descentralização cultural. Participámos ainda numa homenagem a Miguel Torga, desta vez na Feira do Livro de Coimbra, por ocasião das celebrações do nascimento do autor, tendo sido criados vários poemas derivativos a partir da sua obra. Este número integra por isso algum do trabalho realizado pelos/as poetas da *Oficina de Poesia* no âmbito destas intervenções públicas.

Como é habitual na revista, recheamos as páginas com vários nomes já consolidados ou mesmo consagrados, de vários países, que aqui publicam ao lado de jovens poetas em início de percurso. Neste (re)começo de um novo ciclo, continuamos a acreditar na importância de dar voz ao início. Porque tudo tem de começar algures. Este número começa aqui.

aNa B  
Rita Grácio

# Álvaro Matta Guillé

(Costa Rica)

El tiempo se adhiere al espacio, el espacio dibuja y desdibuja las filigranas de lo cotidiano, se prorroga en acciones que, sin poderlo superar, enfrentan lo infinito en lo finito;

relaciones, significados que se deslizan entre la negación y lo posible, entre el recuerdo, la tradición, el olvido,  
entre la vida y la muerte,  
el yo/otro, lo otro;

noches que perturban el día, días que regresan a la penumbra y estremecen los entresijos del lenguaje, amparado a la ambigüedad que transfigura la opaca brillantez de las sombras,  
espejeo que se fragmenta,  
fragmentos que dicen y no dicen  
voces que hablan sin decir;

los instantes se suman al frenesí, cobijan la inmolación,  
aridez que mutila el instante, lo carcome, lo pudre, acoge el suicidio como un lamento del despropósito, como una virtud,  
como un emblema que fundamenta al ser,  
como un delirio que espera sin razón viable de la espera;

signos entre signos, feudos entre feudos se amontonan y amontonan la muchedumbre en la muchedumbre,

acapan la particularidad y la transforman en fragmentos;

el sentido se embota en la variedad del sentido, en la aridez de lo individual, en el equilibrio simétrico de las hormigas,  
y termitas;

imbuido,

el graderío se arremolina en las festividades del vacío y prosigue su marcha, deja atrás las ruinas de los pueblos fantasmas, los terrenos de la tierra baldía, sin prestar atención, sin observar la perenne incomprensión del entorno que al socavar lo rutinario cuestiona lo monótono con su misterio, aunque se sepa que la dirección no es dirección, ni el norte es norte,

que lo que se dice ser tampoco dice ni es, ni encuentra refugio - ni huida, ni escape, ni descanso, ni su muerte - en lo que no es,

la flor no está en la flor y uno - el yo, el tu, el nosotros - es otro,

las palabras hablan con el vidrio diluido de las voces que se rompen

y retornan a la oscuridad del vacío;

la existencia se delimita en signos, signos que reinventan signos y procuran atrapar los espejismos que seducen el sentir vinculado al entorno, la sensación que dibuja lo ausente;

lenguajes que vislumbran otras coyunturas, otros símbolos, mitos que hay que desentrañar, para

entender sin entender, que los reflejos se multiplican  
en sus reflejos, la opacidad se expone a su opacidad,  
al brillo diluido en el brillo  
a la noche que persigue a la noche;

y así, a pesar de la plomiza indiferencia, a pesar de la  
frivolidad de las formas, de las costumbres – el miedo,  
el odio, la cobardía –  
el ahogo que nos aprisiona no desaparece, ni el abismo  
se transparenta, ni la desesperanza se convierte en  
esperanza que se evapora como humo sin dejar de  
acosar,  
sin interrumpir el titubeo que destiñe la ilusión, el  
espejismo de querer ser en el otro, en sí mismo,  
en lo otro;

sin embargo, a pesar del escepticismo que derruye la  
meditación de las formas, que derruye la posibilidad  
del pensamiento,  
hay momentos de sosiego y un matiz resabia en los  
linderos como un vestigio,  
el solaz trasluce, la apatía se distrae y el fluir que  
transcurre reaparece como una añoranza que aprisiona  
la memoria:

no es extraño,  
estamos hechos de fantasmas y recuerdo,  
de evocación,  
de pulsiones hechas limo,  
de polvo olvidado en el légamo;

presencias que subyacen en los abismos de las palabras,  
se disuelven en la efeméride, atrapan morfologías,

lo que era, lo que fuimos,  
lo que ya no palpamos;

balbuceo transformado en etimología, en raíz que  
presiente los destellos de la imagen;  
recuperan gestos, metáforas, ecos  
el canto, el grito;  
corrijo, no recuperan, llevan en sí las conversaciones  
de los muertos, sus impresiones, sus miedos, sus  
asombros, el aire que se convierte en premisa y la  
premise transformada en significados y sortilegios;

a través del pigmento de los vocablos, retorna - como  
un ensueño que conversa con la boca despoblada del  
entorno, con la soledad muda que nos abraza con el  
crujir de sus dientes - el sentir de abuelos y ancestros,  
nosotros mismos viéndonos a nosotros mismos, orfandad  
de saberse solos en tránsito hacia lo finito,  
un mientras tanto que yace en la nada del infinito:

nacer y

morir, sombras que emergen de la sombra  
regresan a ella,

*polvo que muerde al polvo  
se vuelve ceniza;*

aún así, a pesar de la ilusión que repite hasta el  
cansancio, el pasado no vuelve,  
tampoco existe el futuro aunque creamos en los ciclos  
y nos aferremos a la certidumbre de lo eterno,

aunque el sol se acueste recluido detrás de los cerros,  
provocando alucinaciones que parpadean con sus  
reflejos,  
aunque la luna se deshaga en pedazos por el fragor  
del empíreo y en su languidez cavile en silencio el  
crepúsculo,  
aunque lo cotidiano perviva por el sino de las creencias  
y el acto de fe,  
de la ilusión poseída por lo sempiterno que concibe la  
muerte como una caída, como una continuación que va  
hacia el allá sin ir al allá,  
un sitio al que vamos sin ir pero vamos,  
donde se repiten los lugares como espectros,  
animales  
o flores;

pero todo vuelve al mismo sitio. La ciudad – con su  
muchedumbre, con sus gritos, con sus barcos – se  
revela como un centelleo que nos mutila,  
hace de sus tensiones monotonía, en nubla su  
vitalidad en el clamor de las luces,  
desborda sin remedio y las promesas reaparecen  
como una mentira que prevalece en su cinismo,

se extingue el deseo, se enturbia al cuerpo,  
se empoza en el vaho del agua, en las pústulas del  
espejo que convierte en razón de la vivencia, en deber  
ser que alienta su sentir tullido en el ser y el aliento  
de la norma empañando los márgenes de lo cotidiano,  
y no se atreve a ver

fractura la boca,  
al diente, el ojo,  
al canto,

brillo que ennegrece, pues al negarnos, al no ser  
olvidándonos del nosotros,  
se es,

mansedumbre que se asienta con lo opaco de su luto,  
cubre lo contemporáneo, cubre la historia que emana  
con su vapor en los escondrijos,  
pervierte la razón, al pensamiento  
al sentir de la mirada;

la noche es afuera  
es adentro  
mancha que habita la pupila,

la vida aquieta la vida;

la nada  
disgrega la nada.

## João Luís Pinho



*à espreita*

## João Luís Pinho



*fragmento de um tempo ido... ó não!*

# Julio Espinosa Guerra

(Chile)

## NOMINARE

En la palabra descansan otras palabras  
acechantes extraviadas  
animal que muta en el transcurso  
aunque en nuestro paladar parezca  
un trozo de piedra no afectado por la erosión

Palabras que son huesos de otras épocas  
cubiertos con las ropas y artefactos de uso diario  
Cuerpos que salen a flote en la corriente  
y que a nadie llaman la atención

Hay una palabra en el revés de la palabra  
que espera su momento para actuar  
y otra palabra náufraga sobre los palos  
que pide auxilio en la tormenta

Se pegan las palabras a palabras  
con los grilletes y mortajas que los hombres  
fabricamos  
una gramática que ha dejado de nombrar  
que ya no nos revela  
al muerto y al parto que se afiebra en la cifra  
en el signo del dvd  
los zapatos  
y las vacas

Es una caja la palabra  
con alma de muralla y de pez  
late en su interior el cromosoma del pájaro  
inexistente  
y un esqueleto se esconde bajo sus ladrillos en  
peligro de derrumbe

Palabras encadenadas a palabras  
que dejan de decir de tanto usarse  
la misma forma el mismo abecedario  
osteoporosis de los verbos  
de la lengua quebrada en su sonido

Hay más palabras en la palabra  
otra forma de decir (de llenar)  
el hueco que queda vacío  
cuando la carne del gran cetáceo  
se seca  
se hace humo  
en nuestra boca.

# Julio Espinosa Guerra

## NOMINAE

Esta habitación  
vértice blando  
poco fiel a la morfología de la cifra  
cobija una geografía de voces ahuecadas por el uso  
olor que deja el agua de las cañerías rotas sobre las  
cabezas  
vacuidad de los objetos que de tanto querer decir  
me devuelven el grito sordo del volumen agotado en  
la palabra

Me he quedado con su óxido bajando hacia el  
estómago  
y su bacteria oculta tras los signos de la nieve y los  
colchones

En este espacio en ruinas  
no hay nada para mí más que la certeza del destierro  
la evidencia de la mudez y su ceniza

He entrado en la habitación con el tacto y las  
miradas del extraño  
y he visto cçomo el falso espejo de lo mío  
me devolvía los oídos, la lengua y los ojos  
todo aquello que con su nombre  
alimenta al animal de lo que existe.

## Julio Espinosa Guerra

### NAFTALINA

La palabra es  
una bolsa de cartón  
con el logo de Pier-Cardin  
o de Levis  
o de la carnicería de la esquina  
ya arrugada  
y más seca  
si se puede  
que la natural sequedad de una bolsa de cartón

Una bolsa que en ella misma nada significa  
muy cuidada  
a pesar del tiempo  
pero justamente debido al tiempo:  
doblada  
y guarecida del polvo  
en una zona de la casa  
que todos saben que existe  
pero sólo su dueño  
reconoce

La memoria puede ser  
una bolsa de Fallabella  
o de El Corte Inglés  
cuando aún eran tiendas exclusivas  
recluida para sacarla en contadas ocasiones  
mirarla y sentir el ajeteo

y el calor y la belleza del vestido  
el pantalón  
la chaqueta  
o la sonrisa  
de la madre  
el padre  
la novia  
quién puede saberlo  
quizá sólo la mirada indiscreta  
muy discreta  
del dependiente  
que se desliza por el canalillo de los senos

En definitiva la realidad es eso  
una bolsa arrugada  
que no conserva  
más que un logo  
un aire de lo sido:  
publicidad de los recuerdos  
puro empaque  
que guarda puro vacío en su interior  
puro vacío  
y un olor a naftalina

(NAFTALINA)

insoportable.

# Julio Espinosa Guerra

## CODA

*Para Andrés Fisher y David Bustos*

La única poesía es la que no se escribe

-cómo te lo digo yo-

La única poesía es la que surge al observar el vértice  
de lo que las cosas nombran  
una rajadura en el tiempo-espacio de lo dicho  
una geografía mental impronunciable  
que coloca babosas en el lugar de las flores  
escarabajos en vez de letras

La única poesía es la que se mira como una pintura  
de Mondrian  
donde la línea salta hacia el ojo  
y camina por el tacto mordiéndonos la lengua

Se trata de un libro que comienza en las páginas de  
las ilustraciones  
la capa de algo vivo que florece por una vez frente a  
los ojos  
una rosa  
que no es rosa

Arremanguémonos entonces  
porque detrás del brazo hay otro brazo  
lleno de arrugas y de números

y más abajo, todavía otro  
lampiño y transparente  
que queda detrás de lo que hay detrás  
(círculos concéntricos)  
cuando las palabras despellejan su idioma  
piezas en contra de toda lógica  
cuando la mente es un sitio eriazo y el eriazo un  
laberinto  
texto indescifrable  
que muestra la realidad entre sus piernas

No se nombra lo fugaz  
Su condición es la de la roca que deviene en muro y  
luego en guarida

Y al decirse  
impenetrable es su mudez

Que esta escritura sea entonces  
un granito saliendo a flote  
de las cloacas del cerebro

- cómo te digo yo -

# João Luís Pinho



*ou A caminho do céu também*

# Andityas Soares de Moura

(Brasil)

*duas cenas belo-horizontinas:  
escurecendo, às 17:36*

1.

escorre uma leve certeza das pombas:  
a saudade se constrói  
por armadilhas.

2.

esvaziam-se todos os livros:  
a montanha delineia a tarde,  
alcança a boca do céu.

# Andityas Soares de Moura

## POÉTICA ANGULAR

### I - El qui sap calla

Tive vontade de gritar,  
de espernear  
e de dar pancada

porque não estavas comigo.

E virava a cara às pessoas,  
e me impacientava  
com os rigores do tempo

porque não estavas comigo.

E todo o planeta era uma  
grande fossa de merda  
da qual queria escapar

porque não estavas comigo.

E chorava e odiava e estava  
para sempre letárgico e com sono

porque não estavas comigo.

(Dizem que quando o “poeta” fica feliz



acaba por engordar e fazer versos ruins.  
Só na tristeza escreve algo que presta).

Tenho feito bons versos sem ti.

## Andityas Soares de Moura

**II - [...] Diversos són els homes,  
diverses les raons,  
ens va vivint el somni  
d'un únic amor [...].**

Não os quero mais,  
estes versos.

# Andityas Soares de Moura

## POEMA EPÍLOGO

uma beleza escura nasce dentro de nós,  
cavala,

palavra que foi sal

evangelium secundum matthaeum:

terra de pregações  
e dor dor dor  
e ao longe  
o meu amor

: uma beleza

das memórias,  
ventos  
varrem  
nortes

Gallaecia  
(mea)  
(tua)  
(nostra)

: dessas bem escuras

açafrão e  
fios elétricos  
plantados nos rins

neles dança  
minha

(leta)(ene)rgia:

: nasce

cal fro de primaveira

e as marcas da pele  
do Amor?

nascem também?  
escuras?

lúcidas?  
suaves?

ave, cavalinha,

: dentro de nós

espasmos  
joelhos  
verbo & carne  
longos estupros  
da gramática

cavala,

poesia é para

a boca, é para  
o ouvido  
e para o  
coração:

a unidade  
*al-tawhid*

**Andityas Soares de Moura**

**viva a vida antes que  
a vida viva você**

**viva você viva**

**este poema é um enigma**

# Maria João Baginha



*Batalha - capelas imperfeitas*

# Leonard Schwartz

(Estados Unidos da América)

## Lamento

Uma ponte liga-nos  
a uma praia brilhante.

Sabemo-la de noite,  
mensageiros do Ouvir

Armados  
para a travessia,

Chamada que,  
em vez do seu apelo,

Agrava este estado  
de solidão, este Estado

Que deveria remper  
a solidão profunda

E em vez disso força  
o que nós escolhidos,

Para quem relembrar  
é discurso directo

Ondas batendo na  
que seria uma praia vazia

# Leonard Schwartz

## Lament

A bridge connects us  
to a brilliant shore.

We know it at night,  
Listening's messengers

Armed  
to cross,

Which call,  
instead of its calling,

Aggravates this state  
of solitude, this State

Meant to break  
deep solitude

Forcing instead  
what chosen us,

For whom recollection  
is direct speech

Waves lapping at  
would be empty shore

A apagar o Outro,  
imersos em ímpeto genocida.

Não é que ao simpático anjo  
não lhe agradasse ficar

Só que toda a gente  
se derrama agora para a rua

Havia uma gota de sangue  
no dedo de um rapazinho

E a Ponte Brilhante  
arde e vai cair.

Uma lira nas tuas pernas canta  
o que trazes nas pernas.

Enquanto caminhamos  
fazemos proclamações chamuscadas.

Sente-se a mão de alguém no ombro  
como um aplauso suspenso.

(tradução de Isabel Pedro Santos)

To delete the Other,  
immerse in genocidal urge.

Its not that the nice angel  
wouldn't *like* to stay

Its just that everybody  
is now spilling from their homes

There was a drop of blood  
on a little boy's finger

And Brilliant Bridge  
is burning down.

A lyre in your legs sings  
what you carry in your legs.

As we walk  
we make singed proclamations.

Someone's hand on one's shoulder  
feels like sustained applause.

## Leonard Schwartz

### Lanterna

Como, caminhante, escolher um percurso  
que ascende do corpo humano  
ao resto do universo

Avançar lento do ramo à adoração  
do deus árvore, irar o mar até à total  
amplitude emotiva que o oceano evoca

Nível mais literal cheirar a fumo  
temperado especialmente para lançar  
uma única pergunta? Do caminho escolhido

Chega o vale da associação,  
não-lugar nos estertores do combate activo.  
As associações juntam-se aqui, os corpos não conseguem

E se o nosso pesadelo é uma cultura  
habitada por pós-humanos, e a mão  
que segura a lanterna treme intensamente

Então este sono sem sono,  
sobre cavalos emprestados,  
por tempestades de solidão

Existe como para alterar o subjacente  
conjunto de práticas pornográficas.  
Eco, cá estás tu de novo

## Leonard Schwartz

### Flash Light

How, hiker, pick out some route  
that ascends from the human body  
to the rest of the universe

Work up from twig to worship  
of the tree god, irate sea to total  
emotive range the ocean evokes

Most literal level to smell of smoke  
seasoned especially to advance  
a single question? From the path chosen

Comes the valley of association,  
non-place in the throes of active combat.  
Associations cohere there, bodies cannot

And if our nightmare is a culture  
inhabited by post humans, the hand  
holding the flashlight shaking heavily

Then this sleepless sleep,  
on borrowed horses,  
through storms of solitude

Exists as to shift the underlying  
set of pornographic practices.  
Echo, here you are, again

Quanto mais densa a tua verdade  
mais emoção no rasto  
e todas as derrotas, internas

Seremos nós os desesperados  
ou os  
que dão esperança

A chave tosca  
que abre os sentidos  
ou a face vítrea

Do rio?  
Não faz distinção  
entre a música e a linguagem

Esta coisa numenal  
que fala sempre sozinha  
mas pratica a polidez da meninice

Morando o tempo todo  
nas tendas destes ritmos,  
às vezes cheios de voz

às vezes calados como uma maçã.  
O tempo (não) é algo objectivo  
e natural. Eles (não) têm mais

Nas casinhas ali perto. E também  
um alfabeto mais amplo  
promete mais formas do que o nosso é capaz

The denser your truth  
the more emotion in the trace  
and every defeat, internal.

Are we the hopeless  
or the ones  
who give hope

The clumsy key  
to the senses  
or the river's

Glassy surface?  
It makes no distinction  
between music and language

This noumenal thing  
that talks to itself all the time  
yet practices infancy's politesse

All the while dwelling  
in the tents of these rhythms,  
now full of speech

Now quiet as an apple.  
Time is (not) something objective  
and natural. They (don't) have more of it

In the neighboring cottages. Also  
a more ample alphabet  
promises more than ours can shape

E uma qualquer negociação alternativa  
em que lírica e líbido trocam de auras  
por entre risos abafados e divertidas promessas.

Diz-se que depois de cair um enorme carvalho  
atingido por um relâmpago  
a ironia deixa de estar na moda

E uma teoria de resistência é concebida à medida  
para o leão, para a raposa, para o carneiro:  
bandeira drapeada sobre um alpendre...

Um discurso avassalador  
não é um discurso  
e um discurso puído

É algo em que uma criança aprende  
a acreditar  
só muito devagarinho.

(tradução de Isabel Pedro Santos)

And some alternative negotiation  
in which lyric and libido exchange auras  
amidst low chuckles and playful vows.

It is said that after a huge oak goes down  
hit by a lightning bolt  
irony goes out of fashion

And a theory of resistance is custom designed  
for the lion, for the fox, for the ram:  
a flag draped over a porch...

An overpowering discourse  
is not a discourse  
and a threadbare discourse

Is something a child learns  
to believe in  
only very slowly.

## Leonard Schwartz

### Cedo

Cheio de reverência por aquilo que é amplo e claro ao redor da face.

Informado dos hábitos destes mamíferos rápidos, consciente do sangue.

Cedo no tarde.

Cedo, cedo, cedo no tarde, e o próprio tarde cedo, cedo, em outra coisa.

A pedra deflecte tudo excepto o segundo em que é vista, e não é cedo nem tarde.

As pedras da corrente mal atrasam a água no seu curso.

A água apressa-se. As pedras já estão lisas.

Cedo,  
embora as mantras mais queridas fiquem abandonadas sob a chuva fina.

Cedo,  
e cada figura leva um impasse ético na ausência de tudo menos a figuração.

## Leonard Schwartz

### Early

Filled with reverence for what is wide and clear  
around the face.

Informed in the ways of these rapid mammals,  
conscious of the blood.

Early in the late.

Early, early, early in the late, and the late itself,  
early, early, in something else.

The stone deflects everything but the second it is  
seen in, and is neither early nor late.

The stones in the stream barely delay the water  
on its course.

The water is hurrying. The stones are already smooth.

Early,  
though the dearest of mantras lie discarded in the  
drizzle.

Early,  
each figure leading to an ethical impasse in the  
absence of anything but figuration.

Cedo,

e a imagem instalou-se como bezerro de ouro e não há alternativa.

O lustro herda a terra, resinas da pele e ressonâncias: o corpo respira. Isso é bom.

Cedo, tão cedo que eu quero ficar adormecido, tão cedo que fico submerso no meu próprio esforço imenso de pensar em qualquer coisa que não seja o sono. Isso é lamentável.

Cedo, sim, mas não cedo demais para a luta e a tarefa e imoral e monótona da guerra.

O encrespamento da manhã.

Reverência.

Porquê um «do» em «cedo»?

Água a que é **permitido** apressar-se. A permissão foi nossa

Apenas no abstracto.

Cedo no tarde, angústia sobreposta a algo vivace como um potro: optimismo trágico.

Cedo como o primeiro machado, tarde como uma câmara descartável: os instrumentos da escrita.

Cedo, como quando um fantasma olha para o espelho de manhã e vê um deus, como quando uma pessoa

Early,

and image has installed itself as golden calf, and there is no alternative.

Luster inherits the earth, skin's resins and resonances: the body breathes. This is good.

Early, so early I want to remain asleep, so early I'm engulfed by my own immense effort to think of anything but sleep. This is unfortunate.

Early, yes, but not too early for strife and the vicious grind of war.

Fuzziness of morning.

Reverence.

Why an "ear" in "early"?

Water that is **permitted** to hurry. The permission was ours

only in the abstract.

Early in the late, anguish overlaid on something coltish: tragic optimism.

Early as the first axe, late as a disposable camera: the tools of writing.

Early, as when a ghost looks into the mirror in the morning and sees a god, as when a person looks into

olha para o espelho e vê um fantasma, como quando  
um deus olha para o espelho e vê um animal.

A palavra agarra Necessidade como se não fosse uma  
palavra.

Cedo, muito, muito cedo...  
    enfeitiçado  
        na madrugada incompleta.

(tradução de Isabel Pedro Santos)



a mirror and sees a ghost, as when a god looks into a  
mirror and sees an animal.

The word grips Necessity as if it were not a word.

Early, very, very early...

spellbound in

the incomplete dawn.

## Aires Gomes Fernandes



## Aires Gomes Fernandes

### Estação parada

O olhar retirado da estação  
As unhas quedadas  
no bolso de dentro  
onde o forro procura  
a pele, a pele que resta,  
para cobrir os poços  
de lágrimas pegadas  
entre o crude e o queixo...  
se houvesse o 202  
a cidade era maior,  
talvez o forro fosse maior  
quicá o tecido  
se enrugasse menos?  
talvez os comboios  
levassem os que querem  
trabalhar, ou os que só querem ir  
ou os que não se dão conta  
das avarezas de um utilitário  
genealogicamente suiço  
esquecido no forro do casaco  
tiquetaqueando bainhas  
e outras doenças ruins  
à espera do prozac solitário  
ou talvez, sem vez  
à espera da triagem  
da astro que poderia ser “logia”  
ou outra coisa qualquer  
sem lógica entre  
- faz favor -  
meros pontos mirados  
no horizonte a desoras

## Aires Gomes Fernandes

### Castelo de trigo<sup>1</sup>

Sei que há, entre haver e verde  
azáfama de seitouras  
ao som do sopro rendilhado do mar longe  
e delas se ouve um queixume            abafado  
saído  
nem de dentro nem de fora do peito  
talvez coado  
pelos nagalhos torcidos  
por mãos que comem pão branco  
e levantam ameias  
onde o sol cresta mais

E é aí na armadura que protege a cal seca  
que entram os deuses com direito a nomes  
tão diferentes como os dos homens  
e desafiam o trigo a medrar  
e resgatam menires e cromeleques  
para que haja haver e verde e espelho dourado

---

<sup>1</sup> Intervenção da “Oficina de Poesia” na homenagem a Mário Saa, aos poetas alentejanos e ao Alentejo (Ervedal, Avis, 02.09.2007).

## Aires Gomes Fernandes

### A partir do poema “Despedida” de Mário Saa<sup>1</sup>

“Tudo o que passa tem um certo encanto”  
tem ouro e tem dor desbotada ao relento  
tem palmilhas que são pegadas e caminhante  
e azul escondido, nesta planície alma-flutuante

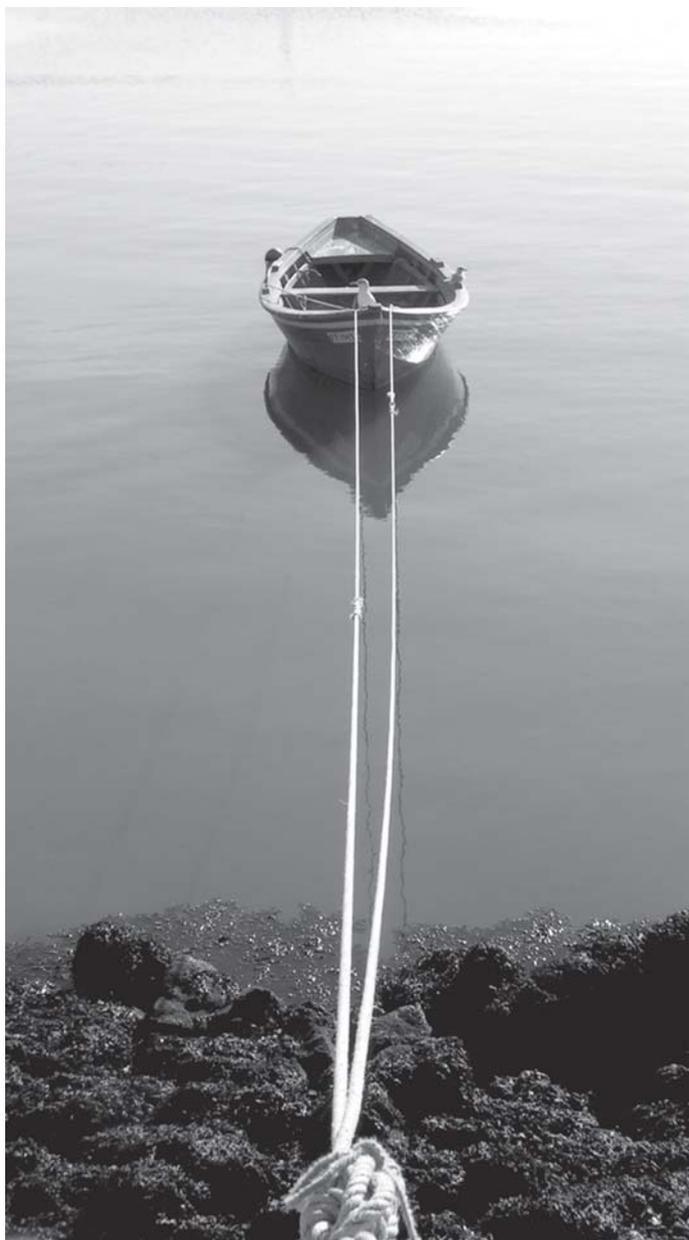
Adeus é  
“Tempestade de luz que vai passando”  
por entre rostos que sonégam a saudade  
e sossegam a foice nas espigas alouradas

Adeus é  
pranto e júbilo em seara cortada  
é pragana que se não despega  
desta “pátria dos pomares,  
sementeiras” de lágrimas de risos e memórias  
que não cabem no voo da esperança

---

<sup>1</sup> Intervenção da “Oficina de Poesia” na homenagem a Mário Saa, aos poetas alentejanos e ao Alentejo (Ervedal, Avis, 02.09.2007).

## Rui Silva



## Alexandra Pedruco

Amanhece e quem está,  
Esquece  
Que a vida vai e vem,  
que a noite cai  
E quem,  
Deseja  
Ficar no sonho,  
Perde o som  
Das palavras  
Vagas  
Do mar  
E navega sem proa,  
sonhando um destino,  
Estrada azul.

Um corpo adormecido  
envolve a escuridão  
Nu  
Lençol branco  
E a dor adormece  
E quem está,  
Esquece  
Que a vida vai.

## Alexandra Pedruco

Não quero ir  
No teu abraço  
Sigo num quarto  
Sem espaço, sem luz.  
Caminho  
Infinito  
Exausto de estrelas,  
Sem Leste.

Murmúrios de prata.

Amor maior,  
Ursa menor,  
Mergulham  
num tempo sem tempo,  
pó, poeira dourada.

# Rui Silva



## Bruno Santos



tantas coisas para dizer ou comunic-art-

o homem com duas de mão nas duas mãos  
segue com um punhado de versos atravessado no cimo da garganta  
ou será no fim da boca?

dali continuarão o seu caminho as palavras, até roçarem os lábios  
num movimento ascendente e catártico  
ou sucumbirão de novo ao abismo da garganta de onde provêm?

será que dali as palavras lavarão a luz de encontro à escuridão do desconhecido  
num caminho sinuosamente fácil de percorrer pelo movimento intrínseco

gravidade?

ou será que por outro lado, rotas diferentes de ruptura, as palavras  
retomarão o caminho por onde vieram e num frémito vômito ocuparão  
de novo os espaços húmidos que na cavidade bucal estruturam a força do  
pensamento?

## Bruno Santos

#

**colagem fragmentária textual  
desenvolvida a partir de escritos  
da autoria de agostinho da silva<sup>1</sup>.**

no

    retiro das palavras  
encontraríamos: cada coisa  
a a-

    parecer    outra coisa  
                    no escre-  
                    ver

possivelmente liberdade

vol-

    ver-  
se no acto criativo  
    mergulhados  
na dádiva da dívida da dúvida

---

<sup>1</sup> Intervenção da “Oficina de Poesia” no Ateneu de Coimbra a lembrar Agostinho da Silva (28.11.2007).

## Bruno Santos

### **Problema tecnológico: poema lógico (com estaladiças pepitas de choc-que).**

quando e  
onde se pode encontrar a amplitude do poema?  
e a sua frequência?  
/constranger as moléculas de encontro ao vazio  
sonoro comum./

partirei o copo em que me encontro  
se for por de mais agudo  
no poema? corromperei os tímpanos?  
e se for demasiado ghrave:  
provocarei um terramoto nas engrenagens  
do motor da terra?  
se soprar sobre os signos  
há a hipóTESE de daí advir um furacão?  
e se atear o corpo do poema  
com fogo  
há sequer a remota hipótese de o fogo se esTENDER  
ao meu corpo também?  
se lançar o poema ao mar:  
no seu centro: desencadear-se-á um tsunami?

é possível fazer uma ghuerra  
só com versos como arma e escudo  
trincheira, tanque, água,  
sangue?

e um poema  
pode ser uma declarAcÇÃO de ghuerra  
também?

pode ser uma bomba nuCLEAR? o poema  
mais uma vez como potencial criador de locais  
inabitáveis.

## Catarina Costa

vaga completude da circunscrição -  
a sarabanda avança  
a polca retrocede

no anel a data não alcançou a hora  
encerra-se numa arte de relojoaria  
que cobrimos pela manufactura de poemas

nosso fim removido frente ao olvido  
nossa finitude a circunvalar a caixa aberta do relógio  
vala incomum, infindável, de quem teve o suficiente

## Catarina Costa

iluminado por fantascópios  
prescinde dos candeeiros em seus arrabaldes  
e íntimas cidades-dormitório

*nos troços suburbanos a luz não é imprescindível - diz  
como se o ideário nunca falhasse  
além do seu cubículo*

*na banalidade basta adensar os gestos - pensa  
enquanto arranha uma faúlha inédita  
aos seus andrajos*

## João Luís Pinho



## Luis Costa



## Cláudia Borges

### **dentro do corpo**

o tórax alumiado por uma luz amarela  
dentro do corpo  
as gaivotas alisam as asas  
nunca a noite foi tão escura  
a cintura desdobrando-se no bosque  
guizos de cortiça  
arrancam o veludo térmico da voz  
o eco  
uma criança despindo búzios  
estremecendo nos pulsos

o retrato respira sobre a flanela das vértebras  
há um rio suportando as sílabas exaustas  
de dois amantes  
ramagens compridas perfurando o pó-de-arroz  
folhos demorando-se nas algas  
choupais eternos voltando-se sobre a argila das  
plumas  
a paixão é morta  
e continua  
nos rochedos leves do quarto

dentro do corpo  
o eléctrico porto das pirâmides  
as ancas trancando brisas  
sapatos rítmicos pisando espelhos  
a faringe

soletrando a idade das musas  
diários de giz  
naufragando na corrente sanguínea  
onze horas  
e a probabilidade delicada de amar  
o ventre como um mapa  
exibindo madreperolas

dentro do corpo  
esferas inabitáveis  
romances acordando em alvoroço  
os joelhos decorados de maçãs  
desertos hipnóticos nos pés  
homens cegos encerrando veias  
dedos frágeis  
sobrevivendo a sucos de saliva

a crença  
ressurge na armadura dos nomes próprios  
o clero forrado de tecidos  
dentro do corpo  
mitologia de trigo  
o calendário legenda a geração das sereias  
mãos de lepra  
o olhar submerso em tatuagens egípcias  
a arte  
um movimento pausado de escorpião  
o retorno a dentro do corpo

## Cláudia Borges

### esquecimento

a quem ordeno há tantos anos  
quem sobrevive  
sobre retalhos de pele que atiro ao horizonte

as ondas engolfam-se  
e constroem-se passadeiras quentes  
oiço um sustenido  
um pensamento ocupado  
num lume verde

de onde sou  
talvez fosse melhor retornar à cápsula sangrenta  
ao nome do esquecimento  
terrível a frequência das línguas  
empurrando a noite sobre a escada

se pertenço ao sono antigo das faluas  
porque transpiro rótulas  
e os mapas não me devolvem a paz  
um suspiro de curvas

batem sonetos áridos  
neste sítio imóvel  
quem pulsa as fibras oscilantes dos meus cabelos  
quem manda nos ventos  
na claridade comprida  
que cose os meus tornozelos  
a primeira imagem  
que me ferveu nos olhos

foi uma cidade vergada  
no silêncio  
lugar alto  
adormecendo arcadas

é tão leve o vestígio dos meus passos  
perco-me na armadilha das danças  
terrível  
remexendo correntes sanguíneas  
há uma paixão bloqueada  
uma cor imensa  
quem me mergulhou nesta espera

sobre corpos ritmados  
aniquilados na solidão  
trabalho sobre o descer dos dedos  
barcos quentes  
sei enlouquecer copos  
pousar seda nos relâmpagos  
a dança debaixo dos pés  
pesasse a minha alma  
diálogos de paredes  
as estátuas avançam sobre os retratos  
quem me sustém  
por detrás do sono  
sulcando raízes frias  
na minha boca

quem me suplica  
candeeiros de frutos  
um doce movimento sobre a tela  
escuto o arroz nos lábios  
um mundo demorado  
cerrando o som lento dos baloiços

## Conceição Riachos

### **Partirei**

num verão detido

**pérolas e luas** e grutas **alagadas**  
onde os planetas se movimentam

### **partirei**

partindo **espelhos cósmicos**  
jardins cavados de **janelas**  
candeias ferozes lábios em casulo  
abismos de **sangue**

### **partirei**

entre **a rosa e o calcário**  
contra **noites acesas**

### **partirei**

a desbravar **flores nos olhos cheios**  
mares **fotografados**  
abandono feroz

### **partirei**

**arcos** incendiados no lugar das **formas**  
**paradigmas limpos**  
loucura de veias

### **partirei**

aves mortas de cansaço  
contra **a rede** formada por mãos  
que falam **gestos impossíveis**

### **partirei**

o arco encurvado **emigrando**  
**na filigrana** surda das marés

### **partirei**

as paredes tardias das **tardes** ensombradas  
**fotografias murchas**  
**partirei**  
palavras **nos cabelos dos poemas**  
guardados cinzas e luto  
momentos **respirados**  
**pecados breves**  
granitos ruidosos a resvalar nas encostas  
**partirei**  
**terras limpas e manhãs pequenas**  
**a marulhar** mariposas  
no mármore polido  
**partirei**

# Conceição Riachos

## FLUXOS

### 1

o caminho volteia na sala suspensa. a cidade  
entupida fala numa voz verde.  
um lugar clássico ilumina o subterrâneo. longínquo.  
ressoa.

insistente.

condenado a uma salva de palmas.

a armadilha foi cortada. alguém foi  
despedido.

a mulher fala brasileiro.

o quente da cama. é bom ser vegetal. abrem-se regos.  
um sabor a religião. por encanto.

de longe mares desertos. montanhas. espelhos.  
segredos atravessam. num mundo

motorizado.

desabrocham cometas em cada grão. é uma ameaça.  
brinca labaredas. coagindo insondáveis.  
transparecendo areia.

escrita vital. hibernação. maio.

borboletas pisam um pedaço. vermelho. imenso.  
risadas.

em baixo das pétalas. corta-se o encanto.

bonecas.

o pinheiro calça destroços. faz gatafunhos às  
escondidas da sineta. chove.

todos estão suados. sem caule.

bandos de malmequeres regressam. fecham o nó  
quando mergulham.

ninguém ajuda. ninguém precisa. rotina.  
depois a náusea. o vento. servidos com o jantar.  
uma viagem fala. naquele tom paternalista.  
aquela fraqueza. molha os pés.

parte agradado. investido em catadupa.  
corre aspirações.

a sequência de dias fica.  
não dá por nada. parece tomar a sério as coxas. o  
rebordo das costelas. a pele.

ar quase transparente. contagia todos.  
em surdina. cada vez mais sobras. inveja.

está ali estendido. o peso de um colo. as  
faces retomam cor.

jeito notório dos pássaros. flores a correr.  
água a desabrochar.  
mora na periferia das inóspitas. adoçado. lugar sem  
vida.

fotografias em profusão. organizadas.  
prostram-se no sofá.

com a boca aberta a rressonar.  
mexe na energia da terra.  
depois adormece.  
uma tarde identifica a cor. vira-se para um e outro  
lado.

não entende a chave propícia.  
adivinha a fuga ensaiando recriminações.

pedaços. flashes. imagens. flashes. imagens.  
pedaços.

estação de comboios. ou de camionagem. não se  
assemelha a nada. no meio da multidão perde os  
sapatos. não consegue andar.

o chão queima. está colado.  
alguém os tinha roubado. estão em cima do  
autocarro.

lugar inacessível. sapatos.  
um motorista de contornos indefinidos não fala.  
porquê.

o calor sufoca. deve ser verão.  
ninguém se importa. drama. sapatos. todos seguem  
apressados.

ir embora. partir. sapatos. não ousa. está  
descalço. fica só.  
o cenário muda. repentinamente. alguém invisível.  
desaparece.

atrás da cortina vermelha. um palco. sapatos.  
não se pode mover. ao fundo da escadaria.  
paisagem quente. deserto americano. taxi driver.  
mais imagens rápidas. sapatos. indiferença.  
preto e branco. rodado. bolas grandes. moda dos anos  
60. sem nexos.

estranha viagem.

salta. sua. sufoca. sapatos.

## Rui Silva



# Cristina Néry

A partir de Agostinho da Silva<sup>1</sup>

.a morte e os minerais no jardim das delícias  
na direcção de monges e um sonho gordo.

a glória de um verbo esticado liberta uma água  
escura e espessa  
e enviuar vela uma paixão de papoilas curvas e um  
demónio  
e uma magra tela invadida de círios.

Deus é salgado de lobos azuis  
um arquipélago roxo na hora das giestas.

---

<sup>1</sup> Intervenção da “Oficina de Poesia” no Ateneu de Coimbra a lembrar Agostinho da Silva (28.11.2007).

## Cristina Néry

(um pescoço um piano e um trópico)

as bailarinas guardam cadáveres **no útero**  
e um tubarão salgado.  
a vinda das curandeiras **núcleos de canela**  
e há sete galopes nos **túmulos dos pavões** em luto.  
tenho **uma fractura grossa e seca**  
e um polvo a afogar em anis  
e as portas malhadas para um **púrpuro jardim de ceptros.**  
farejo as fontes delgadas **das serpentes sepultadas**  
as camélias **vermelhas** e geladas  
o côncavo **centro alumiado de um leão**  
e o bosque **valvular queimado.**  
tenho favos cerebrais cravados como dínamos  
e inquilino um implante de melancias refractadas.  
**os arpões** que assopram a flanela de um choupal  
e paradas e paradas de ciganos **como tórax espiralado**

(um pescoço um piano e **um trópico.**)

## Cristina Néry

.os foles dos abutres quando o corpo solstício  
a seiva alta dos castiçais azuis  
ou um mostruário de nenúfares  
e vozearia uma macieira  
na temperatura de uma vírgula estrangulada  
se ciclicamente incubadora e cartilagem.

um túnel é um monólogo embalsamado de polegares  
pigmentados  
tenho um violino pequeno para vagabundear  
entre o rebanho dourado  
e desconheço a temperatura vagarosa das sedas

é a oração das trepadeiras intactas o tímulo acústico  
desde que as crianças nasceram longe do mar  
as glândulas estreitaram  
e o ciclone semeou candeias como uma plantação de linfa.

calcetar a azulejos um brônquio  
porque a raia é a hora certa de uma rosácea  
e dos caleidoscópios.

## João Luís Pinho



*Dona Pop tá em casa*

## Eduardo Bacal

### A IMAGEM EM AÇÃO

Imagem, Imagem não  
Que se dispersa na minha mão  
Que cai no chão  
Que cospe o fogo  
De um vulcão

Imagem dócil, imagem não  
De uma infância querida  
E partida  
De um retrato sonhado  
Que se reflete  
Por que razão?

Imagina, Imagina não  
A imagem real  
De quem vive a vida  
Com sua herança  
Passada e vivida  
E não castiga  
A imagem agradecida  
A imagem em ação  
A imaginação

# Luis Costa



## Francisca Bicho

ele  
sentado a olhar as montanhas  
a enquadrá-las no mar (e  
eu  
com tudo aqui, no meu peito, na palma da minha mão)

a carrinha empenada no rasto da tempestade  
uma viola  
que não toca, ~~não toca porque dança~~  
dança, dança  
o turpor inusitado do mundo, à chuva.  
até se rompe o dia num segundo de sol, sal  
a sul.

## Francisca Bicho

os teus olhos são duas pernas. os teus olhos são dois.  
duas pernas nuas. as tuas pernas são os teus olhos. 2.  
nós os dois, nus, com os teus olhos nas minhas pernas.  
os meus olhos são dois e as minhas pernas e as tuas  
são quatro. quatro pernas nuas. as tuas pernas são os  
teus olhos, que me olham a nu. agora. agora. ontem o  
mundo despiu-se. o mundo. as tuas duas pernas são o  
mundo. os teus olhos são duas pernas. duas pernas  
nuas, no mundo. o mundo nu debaixo das tuas duas  
pernas. duas. 2. II. Como eu e tu. nós os dois nus. eu e  
tu no mundo. eu e tu somos o mundo, no mundo. eu  
olho para os teus olhos e tu olhas para as minhas duas  
pernas. as minhas duas pernas são dois olhos. os meus  
dois olhos chamam-se nós. nós no mundo. o mundo em  
nós. o mundo é nosso, nu. agora.

## Graça Magalhães

Fingindo que há ganchos de astros  
Nos bolsos das calças  
Fingindo que há um giroscópio de açúcar  
Devastando silêncio  
Num trapézio contraluz  
Os cones fundidos no eixo do vértice  
Das ilhas poderosas chamando  
O cetim das pernas cosidas às mãos  
Enquanto se expiram aromas  
Em aquários de zénite nadir

Já não tenho as ancas cosidas às palavras  
Verteram-se as estrelas nas arestas

Um manto de pele aberta vestiu a noite  
Levantando-me as saias de groselha  
Era um fruto degustado em pele  
Com a textura das amêndoas  
Estou sentada num astrolábio  
Vestem-me estrelas brancas  
Desprendem-se meteoros lácteos  
No traçado artístico onde morrem as danças.

## Graça Magalhães

Deixarei os braços amarrar  
como se alentam crias  
farei transgredir de luz os ombros cúmplices  
germinar para lá do corpo inteiro  
milagres de pele      chão de rosas      água silvestre.

Cada sol é um osso desmanchado.

Enlouqueço o interior do silêncio      o hábito magnífico  
de meter-te mãos como cheiros que se entranham  
e subindo      respirar cantos à boca dos rios  
regressar dormindo ao pano fluido      junto à sombra.

## João Rasteiro

### Amo alucinadamente todas as pedras

Amo alucinadamente todas as pedras.  
As cobras dormem ainda sonhadoras  
no horto invisível das sombras.  
Abrupta como búfalos em cólera  
sobreviveu a língua no átrio dos afagos  
está nas minhas entranhas imóvel  
como o sedentário silêncio das cobras.  
Todas as vozes se aniquilaram nos olhos  
afeiçoando a fenda aos quadris da cegueira.  
A demência enamora o coração das cobras.

Vi o espanto nos olhos auríferos das pedras  
mas a eternidade vive sob as pálpebras polidas  
porque as pedras farejam o gesto a pureza da  
terra.

## João Rasteiro

### A arte da guerra<sup>1</sup>

*Somos nós os  
culpados do que somos.*

MIGUEL TORGA

Então surgiu um homem sufocado  
com a boca semeada de lascas de pedras  
na eterna idade das erícias o terrível lugar.

Deus é deus  
esteja lá onde estiver e  
o poeta moribundo preso na teia  
por canais subtis dos líquidos  
segredos que fermentaram a cega luz  
para matar a palavra sob os bichos cintilantes.

Deus é deus  
seja lá ele quem for e  
o chão de onde saíram os demónios  
é o eixo de mármore implacável  
a carne as pedras mais pontiagudas  
vísceras como ele sangue límpido terra e pó.

Deus é deus  
queira lá ele o que quiser e  
a língua é como um véu transparente  
uma criatura viva de bocas vivas  
promessas de dois pilares cravados na sílaba  
ungida batalha a fala que respira antes da morte.

Deus é deus  
invente lá ele o que inventar.  
Batalha é horto  
ocorra ela onde ocorrer.  
Espelho em mim  
espelho em que ousar  
viver – vivo como o ofício inquieto.

A celebração continua agora desfocada  
numa zona de caça rudimentar e desfechada  
onde as palavras escorridas se devoram entre si.

---

<sup>1</sup> Intervenção da “Oficina de Poesia” na sessão de homenagem a Miguel Torga (Feira do Livro de Coimbra, 23.04.2007).

# João Rasteiro

## Alentejo<sup>1</sup>

*hoje  
é o sangue branco das cobras que perpetua o lugar  
o peso de súbitas cassiopeias nos olhos*

Al Berto

1. Presumo o teu útero já amadurecido nas planícies da memória. E a flor que estendes entre dedos e silêncio é o coração que vibra a pureza rubra o peso do sol na fimbria da planura.
2. Estes os dias que se conjugam sísmicos sob os abutres, nas cercaduras acúleas os víveres. Todas as epístolas desnudas das trovoadas sobre a terra agreste e rude da cegueira, em busca da fúria de Deus. Os líquidos definitivos ansiando agora as oferendas dos charcos de água morta.
3. Quando a campina se abre às paisagens que o tacto persegue, a noite escorada dos animais com raiva. Hortos vorazes fechados na rotação fincada dos corpos, searas loiras como oiro serpenteando no vigor do solstício, o assombro vivo ao longo desta terra de foles e aromas.
4. Em redor da sede o cio brotando adulto alucinado pela travessia, o choro branco onde o olhar se estende mágoa seguindo a saliva doce dos répteis sob o sol polido para que repouse o bafo. O prodígio, uma

raiz de corpo que se recolhe e dilata fonte  
por dentro, as víboras só ansiando ternura.

5. Agora a embebida fluidez das estirpes  
irrompe por infinitas bocas, as artérias  
de sangue aprazível, o perfil mais puro  
através de ébrias raias. As crias estalam  
o ventre da argila rubra, abrindo sulcos  
celestes por onde as mulheres voltam  
a reincidir através do odor dos espinhos.
6. Mas sei que os frutos e as aves doiradas  
se fincam no assombro, a imprevisível  
quietude do mundo. À noite a labareda  
regressa abrindo o dorso da terra exposta  
varado pelas cegonhas nos campanários.  
O silêncio tecendo as vozes das fêmeas  
que se equilibram em suas próprias garras.
7. Raras vezes os espigões radiais esculpem  
a iniciação do pólen, a escora da morte  
no eixo múltiplo da sílaba negra. Alentejo  
te ungi, te unjo e unjo despontando ileso  
na purificação ateadada das águas. E só falo  
do horizonte rasgado no espaço primordial  
e das madrugadas sazoadas sob as estacas.
8. Cantas sobre a miríade da vozes elementares  
as coisas mais simples que acordam o homem  
a indomável frescura do corpo uivando hoje  
nas sombras intemporais alastrando do piorno,  
a quietação poisando as cegonhas nas antas.
9. A poeira das estações no ritmo feroz da terra  
as últimas portas do tempo e do espaço aberto  
em anémons que lhes vão ceifando as veias,

memória impoluta onde se cava a sede do cio  
para que o sangue verta puro entre os sigilos.

- 10.** Um sobreiro furta máscaras na fronteira da luz  
a geometria nua das casas o porvir das manhãs  
e cada grão de chão é o alfabeto denso da vida.

---

<sup>1</sup> Intervenção da “Oficina de Poesia” na homenagem a Mário Saa, aos poetas alentejanos e ao Alentejo (Ervedal, Avis, 02.09.2007).

# Luis Costa



**Rui Silva**





e a raiz inteira      ser alentejo  
da fome ao grito vai a voz da revolta  
ser raiz      e caule      e flor na morte  
semear e colher

morrer para sempre      sempre viver

## Jorge Fragoso

### Torga

De um tempo de rocha  
o chão sulcado da cor antiga  
do fogo  
nascem os passos de olhos além da água

Decantadas do bronze  
sobre as ondas de vento do sorrir do rio  
palavras que gravam o mundo  
o olhar da ausência                      partida  
fome de regresso aos dedos  
molde da imagem da carne inquieta

e sempre a voz dos gumes  
pronta  
como os lobos a faiscar de silvos  
na garganta  
até aos ecos infinitos da montanha

Quantas horas caíram sobre as águas  
as palavras que nascia  
tinta áspera do sentir

Na memória do olhar  
o nome eterno na pedra clara  
como proa da cidade  
a vencer o medo    a rasgar a língua  
voo aberto    livre    da palavra

# Rui Silva



## L. Altério

na singularidade  
a lágrima  
oscila,

na onda a crispa  
na onda a crispa do tempo,  
tudo que é terreno em vão  
nem almaço  
nem almaço para escrevinhar,  
as grandes oscilações  
as grandes oscilações de pecúnia,  
gráficos do défice sugados  
no horizonte do acontecimento,  
coordenadas já de modorra na contracção  
cinzas de luto a despedir faúlhas,  
as grande canções  
as grande canções no denso ponto...

de súbito

na singularidade  
a lágrima  
cai.

## L. Altério

estafermo  
vagamente este  
de velho coração  
a mínguas de  
jejum seco  
de nobre cagaço  
- palavras vãs sei -  
mas... a evacuar  
sabe-se lá  
para a mais estúpida estrofe,

agitado  
de pulmões subtis  
dar à corda na ronca viola  
bramir gaitadas  
recolhido na manta carpida  
- tecido mancado, este -  
casca de fora... e nada!

## Licinia Regateiro

rumores  
do quarto secreto

como pássaros  
em bandos

deslizam  
perfuram

linhas hesitantes  
de negrume e luz

enchem-se de instáveis  
silêncios

povoados  
por vozes consentidas

## Licinia Regateiro

Olhos diluídos  
Onde nunca circulam  
Os comboios da infância  
Cravadas na pele  
Viagens sonhadas  
Escurecida de solidões

Encontrar tranquilidade  
Nos afectos  
Ausentes  
De um velho  
Menino  
Só

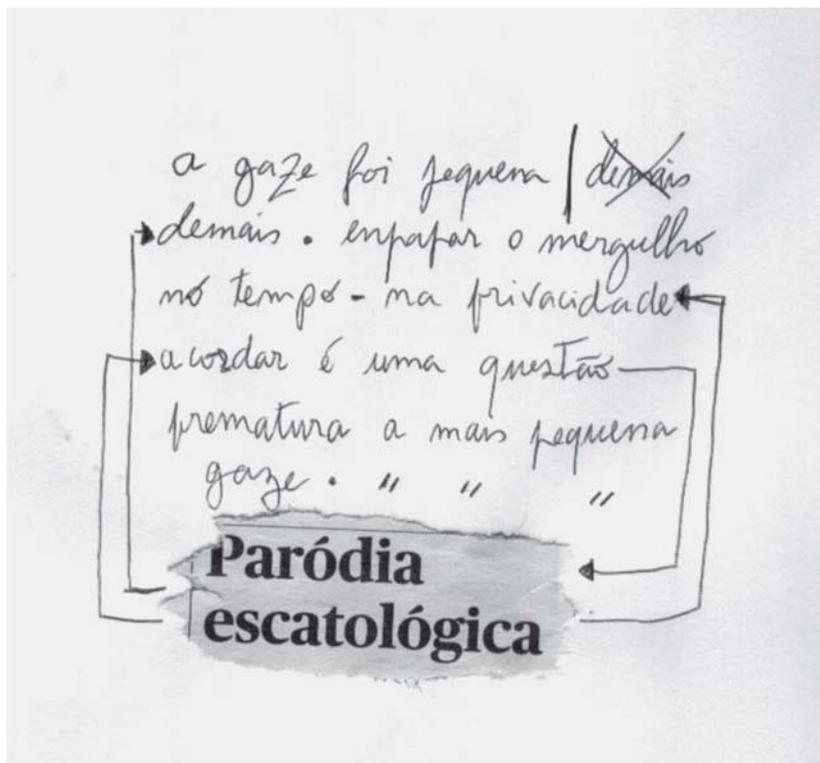
No cinzeiro dos dias adiados  
Pontas esmagadas  
Da captura que oprime  
O açaimé  
Arritmia vibrátil

Angústias dissolvidas  
Num gesto  
Eficaz  
Guilhotina para emoções  
Incómodas

Não se engavinham mais  
As urtigas  
Na carne castigada

Abulia

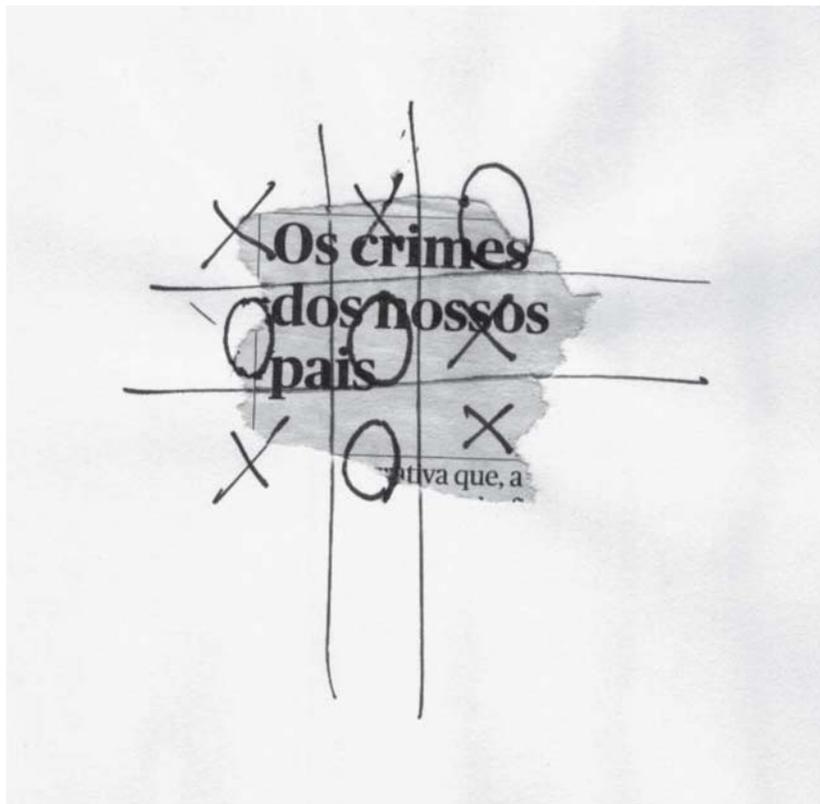
Silêncio no teclado abandonado



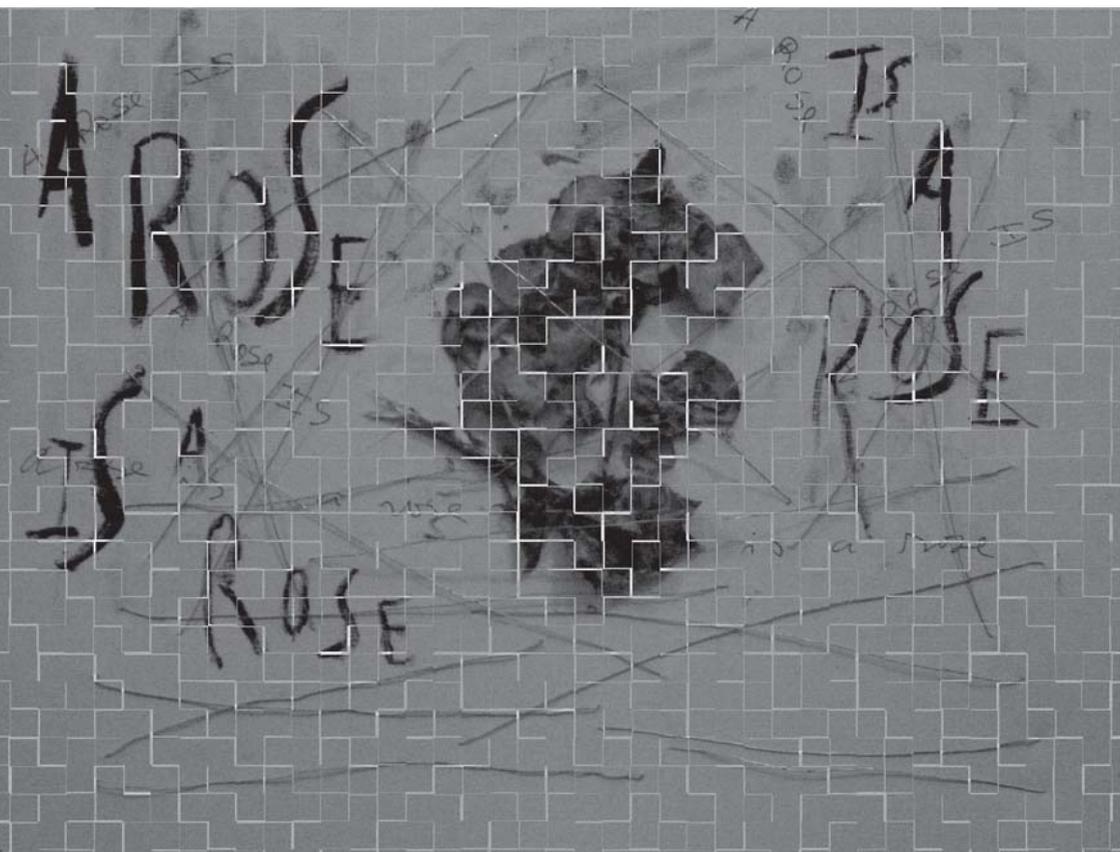
**Liliana Vasques**



**Liliana Vasques**



# Liliana Vasques



## Lúis Matos

### A palavra é a dança (Singularidades)

Havia um lugar  
Lá longe, na floresta  
Onde vivias, antigamente  
Lembras-te?

Havia um lugar  
Onte tu eras, tu  
Há um ainda, nestas mãos mais  
Um olhar  
Uma vidas condida  
E haverá nas minhas mãos,  
De velho,  
Um coração  
Parti(lha)do em (segredo)  
Em mil castelos (d)e cartas  
Por onde escondemos-nus.

Há uma palavra  
Que se esconde em cada ruga  
Nos traços do tempo  
Que se misturam.  
Um não é (~~um~~) número  
Ou (~~uma~~) imagem, ou lugar  
É o eco, de todos os ecos  
Das rimas riscadas, rascunhos.

Há uma pessoa, por trás de cara palavra  
Palavras são gargalhadas  
Risos pe(r)didos ao vento  
Da floresta.  
Uma floresta em “antigamente”,  
Como o vento.

Devíamos ser como sorrisos.  
Somos, cada vez mais, palavras  
E sorrisos  
Que se perdem e encontram  
E têm um fim  
Como numa história,  
No GRANDE ecrã.

~~Uma pessoa numa palavra:~~  
Uma história, uma é os espaços no silêncio  
Do poema da história  
Segredos por esconder...  
Quantas faces tem um sorriso?  
Quantas línguas numa palavra?  
Um trai o significado  
Ele dá-me significado  
Eu sou as palavras que  
Utilizo:

A sombra no caminho que percorro  
Eu, somos nós, com cada vez mais  
“nós” no meio do eu  
a palavra é o eco  
que se repete num só.

## Luís Matos

### Dualidades:

À no mundo  
Várias caras  
Palavras  
Sentidos  
Que correm  
Em busca do humano  
Dentro das palavras  
A bifurcação da teoria  
Onde encaixa a vida  
O labirinto da história  
Que acaba nos traços  
Da inteligência, difusos  
Que confluem no traço  
Palavras, dualidades  
Banalidades socorridas  
Por um acento H

## Luís Matos

### Tri(vi)alidades:

São as paredes do meu quarto,  
A precisão com que desejo as  
Letras desta página  
E, pouco a pouco, vou polindo  
Cada letra que sem te tris tun  
Quero: descobrir música, lê van tar  
O véu da palavra,  
Arrancar a língua  
Da terra.

Que dê tem tivamente cobre a selva  
De de sem si se ti mentes desejos  
E casa onde albergarmos virtudes que inseguras em  
histórias  
De embalar.  
Quero dê (dentar) as palavras  
Como se mordesse o eco na espuma  
Das curidão.  
São len sóis por onde  
Vemos: len tes para o ———  
Que deixamos corre err..  
~~Temos dúvidas, corremos riscos~~  
E no fim,  
Es de crava de zanhos,           gravamos  
Engenhos que fazem sorrir.

## Luís Serguilha

Os plasmas fertilizadores dos carpinteiros oceânicos  
anteparam

as amêndoas-missangas das fundações  
(salamandras) dos miradouros

onde os colecionadores das  
litografias suburbanas articulam os ferrolhos das  
próteses lunares

ao isolamento dos fluidos  
obsessivos dos materiais venenosos

Os gritos encavilhados das **vagens das caravanas**  
adulteram cenograficamente

a prospecção das cavalgadas dos museólogos  
como os valimentos do detonador maníaco  
a ilustrarem

as advertências dos agrafos solares  
para domarem as fiadas de pólen das falanges  
circulatórias

que entrevistam os engenhos balsâmicos das  
cantadeiras

**As congeminações das aves-asteróides propagam  
as etimologias dos**

**itinerários ogivais**

**sobre as longas-metragens dos  
progenitores matutinos (\_\_\_os retardadores dos  
barómetros denteados das colmeias**

**impulsionam os aventais cirúrgicos  
das guelras terrestres**

**para sulcarem as bombazinas  
das medulas CENTRÍFUGAS dos pomares**

**e os limites dos painéis das especiarias abotoam-se  
aos ciclos dos utensílios dos animadores das  
iluminuras  
como as anfetaminas dos periscópios  
a seguirem a mestiçagem das placentas-confessionárias  
que galopam imperturbavelmente  
entre os sensores das blindagens  
dos espelhos geográficos  
Os esgrimistas a estibordo da fortaleza  
(sineira-quadrimotora)  
organizam as bigornas  
dos estaleiros da  
caligrafia aérea  
como os glosadores balsamizados  
das joalharias a projectarem diametralmente  
a consagração do boxeur-coreógrafo  
onde os azulejos oviformes  
legendam os empórios dos gadanheiros  
que serpenteiam os glossários  
das polifonias  
dos úteros-coadores-crepusculares**

## **Luís Serguilha**

**Círculo de búzios coléricos a montar os  
brônquios do escorpião  
na elegância vibrátil das lombadas solares  
e as conchas hipnóticas das mãos desviam  
subitamente  
as toalhas finíssimas dos granizos –TAQUÍGRAFOS  
sobre os relinchos das trajectórias  
hermafroditas dos abra-andarilhos  
e as evaporações das cartilagens propulsoras das  
moradas triunfam nos calendários inarticulados  
dos pantanais acrobáticos  
que desabrocham nas  
invaginações das manjedouras dos astros**

O repertório das labaredas  
responde à mortalha transparente das hidrângeas  
entre o espaço implacável da madeira-velocípede  
O habitáculo túmido dos delineadores  
caleidoscópicos seduz a indicação dos diamantes meridionais do  
mastro

das auscultações das pianistas-carpideiras  
onde as traseiras dos vestíbulos dos  
esfíngicos luares estendem finalmente  
o interior colérico das rosáceas-fórceps  
entre os saltos vespertinos do desagregado triângulo  
das embocaduras inextinguíveis  
é este o triângulo ininterrupto das suturas conceptuais que  
acotovela o centro transitório  
do solapamento botânico  
no astrónomo  
antiquíssimo da transparência

(\_\_\_ a porosidade do argonauta  
ombreia a evanescência das girândolas\_\_\_\_)  
é este o triângulo-canino  
das ocupações anárquicas  
dos meridianos incendiários  
que anuncia o adensamento da  
matéria arterial do riacho-gladiador  
(\_ limalhas-batuques das parábolas-persianas  
emolduradas espantosamente  
pela concupiscência-sonoridade-radioactiva  
das mil raias das caminheiras\_\_\_)

## Luís Serguilha

### A processionária dos anfiteatros- CURANDEIROS fluorescentes

enrosca ciclicamente

a fiandeira do plâncton-  
quadrângulo para identificar os couros das  
derrapagens das visões

que contornam as  
pornográficas cabeceiras-rodas-fracções-  
dentaduras

dos cadafalsos do  
asfalto conjecturado entre as corretagens  
das cambadelas-forquilhas grulhentas dos  
curandeiros

onde os pavões dos  
naufrágios forram os rebuçados das rédeas  
dependuradas dos oráculos

para fixarem freio-a-freio as  
coincidências das câmaras de: \_\_\_líquenes de  
retaguardas contagiadoras

sobre a bosta-autocolante-irmandade dos  
automóveis

As bainhas condensadas

das caixas-teias de botijas  
cadentes gorgolejam nas utilizações sonolentas  
das gigantescas unhas  
dos estacionamentos celulóides/  
bruxuleantes \_\_\_\_ proliferação inumerável  
dos feixes assimétricos das  
ferramentas (radiação adaptativa)  
dos corais-bosques-  
microfotográficos  
(\_\_\_\_ a cal devastadora do cavalo-das-  
bruxas fulgura

**no xisto intangível das  
tonalidades**

**\_\_\_\_ as groselheiras ensanguentam os  
degraus semiabertos**

**das espáduas-gulas das iluminuras**

\_\_\_\_\_)

Cabeças-antenas-tortas de amêijoas-limalhas de ácidos  
circunstanciais a desdobrarem os sabões da sintomatologia  
velozmente descarregada noutros ritmos da explosão das  
urdiduras-desconexas\_\_\_\_\_ volatilização do estômago-  
cachimbo da continuidade do organismo-mordaca: AUDITÓRIO  
DA BOMBAZINE DE pastilhas/FANTASMAS a alancear os  
calafrios do euromilhões: \_\_ bolbos carbonizados: \_\_ patas  
raqúiticas das premonições torturadoras: \_\_ adivinhação dos  
tripés/focinhos atçadores farmacológicos:

**NAVALHA/argolão da caldeira**

**DEPRESSIVA\_\_\_\_\_**

**Rui Silva**





## Luísa Monteiro

### SOL

Eficiência,  
Clarividência,  
Valorizamos a concretização.

Quando não,  
a missa de domingo  
a aula de yoga  
os passeios pela montanha  
a tarde às compras  
a noite frenética.

As pessoas  
as histórias  
as cores  
os sons.

Como gatos que procuram o sol,  
com circuitos de compensação mais complexos.

## **Luísa Monteiro**

### **MEDIDA CERTA**

À procura de uma visão  
Passo os dias a oscilar  
Entre o claro e o óbvio.

## Miguel Monteiro

### **casa no céu**

púrpura, os azulejos  
arredondam-se em núvens  
abobadam-se e invoco  
arraíolos de caruma e lâ menor  
    desenho  
com o lápis da ponta  
do nariz o projecto, as estrelas  
os pontos que ligo. E não

será apenas a falta de água  
que a propele? Se houvesse  
chuva ao menos pararia  
no ar, pararia cresceria pilares  
assim a casa, e o som das nuvens  
    tão perto,  
servirá para ti e para mim  
e para o anjo  
que escondido enterrámos  
asas-de-fora com o cacto  
voador até ao canteiro do cumulus.

## Miguel Monteiro

### juventude

atiro uma estante para cima  
de mim saltam livros que odeio  
até ao chão atiro até cadernos  
que nada têm que ver  
comigo fujo  
de uma coisa é verdade  
tenho medo das rugas que a minha avó  
me console ainda  
tolero que eu próprio me fotografe  
e emoldure nem que caia.

# Paulo Pego

POESIA, POESIA<sup>1</sup>

*A partir de (Ode) À Música, de Miguel Torga*

arroio de pontuação

flúmen de paixão

---

<sup>1</sup> Intervenção da “Oficina de Poesia” na sessão de homenagem a Miguel Torga (Feira do Livro de Coimbra, 23.4.2007).

## Paulo Pego

### ALENTEJO<sup>1</sup>

agra do Alentejo  
tela em que cravo  
o verso a rima  
lavro a vermelho  
ainda e sempre o sangue  
de Catarina  
(Portalegre ponto final)

messe grande e extenso trigal  
vadio  
aldeago ao laré com o lápis  
rabisco Arronches  
Monforte  
Avis  
rumo ao Sul  
procurando não perder  
o Norte  
(Alandroal ponto final)

enleios do escrevente  
pedras em que bate  
a enxada  
do rendeiro

---

<sup>1</sup> Intervenção da Oficina de Poesia na homenagem a Mario Saa, ao Alentejo e aos poetas alentejanos (Ervedal, Avis, 2.9.2007).

achaque na inspiração  
praga que turba colheita  
ao seareiro  
(Mourão ponto de exclamação)

Mértola  
cansado agricultor  
deponho a grafite  
lápiz-arado  
lápiz-charrua  
lápiz-tractor

poema carne plectro  
pão trigo são

safra do rurícola  
campestre  
a ortografia

# Paulo Pego

A partir de “Hangar 5”, de Luís Serguilha

## ANTROPOFAGIA

pedaços antiquíssimos de pão

pedras

pirâmides

cintilam hieróglifos de língua

esotérica

insondável

feitos e acabados a mão pungente

antropófaga

## Paulo Pego

### *CADAVRE-EXQUIS*

Vimos por este meio convidar V. Excia e V. Demência a escrever uma palavra muitas palavras substantivos verbos predicados conjunções uma frase muitas frases com pontuação e virgulação sem elas uma estrofe muitas estrofes.

À hora desmarcada e desatinada começará o desatino o desvario o tresvario a insânia e os restantes escribas escrevinhadores não terão olhos ou então tê-los-ão fechados, sem possibilidade de espreitar.

Mais informamos que são permitidos anagramas\*.

André

\* Como “Avida Dollars”

# Maria João Baginha



*Marvão - Ombreira (pormenor)*

## Porfirio Al Brandão

### A ÁRVORE DO BEM E DO MAL

esgueirando-se entre as sebes do conhecimento  
a criatura plural ascende ao fruto  
ascende sem que lhe conheça o nome  
contando como seus todos os gomos  
e a árvore é um grande livro à espera de ser aberto

namora-o belicosamente com a boca  
inscreve instrumentos de sabor na casca  
amacia aromas com a saliva  
segreda-lhe regras do enfeitiçado dominó espinal  
segreda-lhe, sem cair do degrau

um longo pescoço • mãos para esbofetear  
um a um  
os inimigos de lamarck

a criatura habita a luz húmida  
plural circunscreve a moral do degrau  
vê-lhe na pleura o tambor pelo qual sempre quis falar  
a denteção rodopia louca pelo fruto redondo  
quer acender dentro as sementes negras

- um dia falarão das trevas e da sua colheita

## Porfirio Al Brandão

### SUPERNOVA

há sangue a queimar • entra depressa no quarto

sacode a estrela vizinha (ela brilha nos cortinados)  
estreia-a na noite como quem solta as aranhas trepadeiras  
põe-lhe a vermelhidão mortal com que inauguras os  
dias

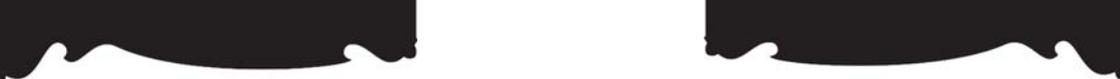
poderás sorrir no flanco empoeirado das estações  
a repetirem-se vezes sem conta no pestanejo rápido  
junto aos livros libertados dos caprichos do calendário  
cumprindo pena exilados, excluídos do carrossel sazonal

a mesa ferve madeira • doa carbono

ressoa silhuetas libertinas, esquisitos difusos  
a lembrarem rostos que ameam faíscas  
por um bocejar noctívago do líquen a pairar no hall  
poderás identificar fantasmas e comer com eles  
talvez até perscrutar vozes obscuras no bafio dos móveis  
embarcar no torvelinho torrencial dalguma memória  
a gazear no tecto agora picotado e permeável

a muralha nos intestinos • a miríade vibrátil

espera algures qualquer coisa lá fora para amar  
num trecho de mundo a beijar atrapalhadamente  
para que reinventes passo a passo o perto em aperto



sem fechar definitivamente esse vórtice surpreendente e salvaguardes o berço dos cometas; com sorte, talvez aches lá fora quem de honesto conte frios os minutos presos aos dedos – patronos do medo, abençoados na perda

pergunto-te: até quando jejuarei nas entrelinhas?

**Rui Silva**



## Ricarda Melo

### Manadas

Uma manada de nuvens em excursão

Um sol ardente

Um reverendo de massas

Prometeu guilhotinado a ferros

Em Brasas

Berros

Cegos

São imensas e imensas

Doenças

Alcaides... de Charme

Prometeu guilhotinado em lágrimas

Lavadas

Liguei o autoclismo

Cinismo

São imensas manadas

Danadas

*Dedicado a J.C.P.*

## Ricarda Melo

*Parece-me que fiquei com stress pós traumático da dor  
“saltei a linha da inoc | ência e cresci”  
Cresci, cresci.*

## Rita Grácio

eu'  
que passei anos a tentar dizer'  
. Te  
e só tecia fios de ráfia'  
. soltos  
somando tudo dá tanto  
"o senhor é um perverso, um sátiro, um mitómano,  
um artista", um etecetera  
somando tudo não dava para'  
. Te  
Porém todavia contudo  
. obrigar a palavra a beber cicuta nem por isso  
me pareceu solução . solução pareceu me  
multiplicá-la em todos os espelhos possíveis até não  
ver  
. Te  
Ah! Querido planeta por nomear\*

O inferno deve ser isto  
Ruas sem placas pessoas sem saberem a sua morada  
o seu nomidadeprofissão  
Porém todavia contudo  
Conheci um jovem francês que tinha  
. fé

## Rita Grácio

*como construir um coração.*

há que plantar uma teoria do desenraizamento

*ao fim de quatro semanas começa a contrair*

se

ensopada em ribeiras de saliva talhadas a serifa  
alicerçada a restos de amoras mortas e animais

[pisados

.

limos e medusas enforcam-se verticalmente pelas artérias  
por vezes ocorrem-lhe flores túmidas      vermelhas  
amarrotam-se no tecido líquido

florescem em vasos

iminentes

desaguam

*ao fim de oito semanas começa a bater*

se

por dentro da seiva

um moliceiro coalhado

onde atracar o fio do rizoma

.  
sessenta segundos em repouso  
e puxar de esticção  
o pericárdio

*dizem que passaram pelo Coração conquistadores de  
cartolina e impérios movidos a pedais*

eis como lhe caiu um *rododendro*  
aos pés.



. um hábito inconsciente de precipícios de mulheres  
nascem abertas  
são dias adolecidos na clareza meridiana das visões  
interiores

porém

*Ele disse.*

há homens de domingo. *Pescadores.* que passaram  
metade da vida. *a pesca nunca é monótona para os*  
*pescadores.* complicando a outra metade. *quem não é*  
*pescador, porém, corre o risco do sono.* que não morrem  
como reflexos . *minério extremamente que se desprende.*  
escusando-se de luz. . *da ganga do mundo.* para o  
outro lado da queda.

**Rita Grácio**

a partir de aNa B

# Trespassa-se

**ouro**  
**Toureiro**  
**Touro**

## Tradição

Muito bom estado!  
Bem afreguesado!  
Ótima oportunidade!

## Teresa Fonseca

### Caso doméstico

Ela inclina a cabeça sobre a corda e exhibe o pano branco, leito de sol, espaço entre as linhas escritas.

É o momento em que, cegamente iluminada pelo pano inundado de luz, une a corda à mola de ponto em branco e decide.

Apurada, não sente o silêncio que vem com a porta a abrir e canta ainda.

Empenhada, esquece o silêncio que vem com a presença dele e canta um hino novo, palavras novas, vontade de amanhecer.

Depois ouve os passos, sente já a violência das palavras que a circulam, cercam.

As palavras são uma corda, uma cobra velha.

Ergue a cabeça.

Vira as costas ao seu estandarte branco que se solta da corda e escuta só a sua decisão.

Ele vem como uma grande letra, O de sólido e som, as mesmas voltas de sempre da velha corda num nó cego.

Ela ergue a cabeça e mostra que se inaugurou, é nova, a outra.

Não mais os sons dele lhe servem. Recusa o som da casa e cala-se.

A violência do silêncio do estandarte branco de palavras cai nele e tapa-lhe os olhos. Cega-o, agoniza-o, enjaula-o, amedronta-o. Ele é agora um minúsculo R de reconhecido, de repetido. O branco ficou nos olhos.

A cabeça inclinada sobre o pano branco, imaculado, que outrora disse a palavra reconhecida cala-se hoje e recusa o conhecido.

E o silêncio é violento e o novo entontece-o e a cabeça dele inclinada sobre a corda pronta a apertar a garganta que um dia soltara a palavra sim, o sim domesticado e previsível, comunitário.

A corda veio até à cabeça e enrolou como uma cobra, o pano branco salpicado a vermelho.

## Teresa Fonseca

Do impacte ambiental dos teus olhos nas minhas planícies<sup>1</sup>

Se se trata de luz e do espaço dela  
Se é do campo maior que se fala e nos seus extremos  
a ode já mira  
Porque me açoitas de fé?  
Se é dos silêncios das touradas que te raíam de cal  
os ossos  
Porque me mordem os teus braços e arruinam o saber  
da moura os tacos de golfe feitos varas ruidosas  
“zacatriz, zacatrás! Quantos dedos estão atrás?”  
Quando despovoado o orgulho da vide no castelo  
Encerra-se o saber de diana em eva  
Abandona-se o arraiolo ao sol... é a solidão quem me  
habita.

so typical!

Dizes-me das burricadas lisboetas nas charnecas  
E do impacte ambiental dos teus olhos nas minhas  
planícies eu digo  
*so typical!!*

Se o ponto é de barro, o elo casto, a vide  
orgulhosa... disso nada sei.  
basta da florbela que me espanca de fel!!

---

<sup>1</sup> Intervenção da “Oficina de Poesia” na homenagem a Mário Saa, aos poetas alentejanos e ao Alentejo (Ervedal, Avis, 02.09.2007).

Eu digo de pé  
Chega-me a cuba livre  
digo de pé  
Chega-me água à curva livre! Morro de sede.

## Teresa Fonseca

### Cantiga d' amigo

no lugar da fonte ficou o fluxo vermelho quebrado  
pela fluidez do cervo  
ela brada e debanda e o amigo parado, refastelado.  
Pois então!  
a areia molhada sonha com uma avelaneira florida no  
corpo outono  
e o rap de repetição.

o barco despido atracou uma e outra e outra vez  
suja de lodo não mexe. *tremida*.  
apodrece já a memória da romaria na mãe enguiçada  
e as amigas fadadas de fresco enfadam no lar  
os maridos que embarcam noutras marés  
de velas enfunadas  
e o rap de repetição.

no lugar da avezinha a vizinha de véu corvo com olhos  
de peixe de vidros estilhaçados  
e o amigo que vem de peniche pavoneado e mareado  
e de velas apagadas.  
ela só quente só quente só e quente  
nem albas nem salvas nem valsas

# Teresa Fonseca

A partir de Agostinho da Silva<sup>1</sup>

Veste folhas escritas

Num descuido de forma

sai da fila

Olha-se só ao espelho negro da clareza meridiana das  
[ideias

Filo de folha só

Que se aproa ao vento em vagos passos de inverno

No filo colorido do novelo se lhe vai a vida

E pede que dele desconfiem, como do mar

O indivíduo no centro

Só humano a errar porque até houve santos que não  
tomavam banho

E fica ao centro feito pena

Espera que a vida venha e seja pouco dada às geometrias  
do conhecedor

Só filo errante a errar

Só filófago

Só filósofo

SÓ

---

<sup>1</sup> Intervenção da “Oficina de Poesia” no Ateneu de Coimbra a  
lembrar Agostinho da Silva (28.11.2007).

## Índice

|                                 |     |
|---------------------------------|-----|
| Editorial .....                 | 5   |
| Álvaro Matta Guillé .....       | 7   |
| João Luís Pinho .....           | 13  |
| Julio Espinosa Guerra .....     | 15  |
| João Luís Pinho .....           | 22  |
| Andyttias Soares de Moura ..... | 23  |
| Maria João Baginha .....        | 31  |
| Leonard Schwartz .....          | 32  |
| Aires Gomes Fernandes .....     | 48  |
| Rui Silva .....                 | 52  |
| Alexandra Pedruco .....         | 53  |
| Rui Silva .....                 | 55  |
| Bruno Santos .....              | 56  |
| Catarina Costa .....            | 61  |
| João Luís Pinho .....           | 63  |
| Luís Costa .....                | 64  |
| Cláudia Borges .....            | 65  |
| Conceição Riachos .....         | 69  |
| Rui Silva .....                 | 74  |
| Cristina Néry .....             | 75  |
| João Luís Pinho .....           | 78  |
| Eduardo Bacal .....             | 79  |
| Luís Costa .....                | 80  |
| Francisca Bicho .....           | 81  |
| Graça Magalhães .....           | 83  |
| João Rasteiro .....             | 85  |
| Luís Costa .....                | 91  |
| Rui Silva .....                 | 92  |
| Jorge Fragoso .....             | 93  |
| Rui Silva .....                 | 96  |
| L. Altério .....                | 97  |
| Licinia Regateiro .....         | 99  |
| Liliana Vasques .....           | 101 |
| Luís Matos .....                | 105 |
| Luís Serguilha .....            | 109 |
| Rui Silva .....                 | 115 |
| Shahd Wadi .....                | 116 |
| Luísa Monteiro .....            | 117 |
| Miguel Monteiro .....           | 119 |
| Paulo Pego .....                | 121 |
| Maria João Baginha .....        | 126 |
| Porfírio Al Brandão .....       | 127 |
| Rui Silva .....                 | 130 |
| Ricarda Melo .....              | 131 |
| Rita Grácio .....               | 133 |
| Teresa Fonseca .....            | 139 |